



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revista**fsa**

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 6, art. 4, p. 74-88, jun. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.6.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



A Ironia e o Irônico nos Discursos Midiáticos e Políticos

The Irony and the Ironic in the Media and Political Speeches

Francisco Laerte Juvêncio Magalhães

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí

E-mail: flaerte@msn.com

Endereço: Francisco Laerte Juvêncio Magalhães
Universidade Federal do Piauí / PPGCOM /CCE
Av. Nossa Senhora de Fátima, s/n Campus Universitário
Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga. CEP: 64.049-
550 - Teresina – PI, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 03/03/2020. Última versão recebida
em 19/03/2020. Aprovado em 20/03/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação
cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O uso de ironias é, certamente, uma das possibilidades de produção de sentido com que as disputas de sentido nos processos de interlocução se efetivam. Nosso trabalho centra-se nesse universo: dois articulistas do jornal Folha de São Paulo (Guilherme Boulos e Reinaldo Azevedo). No dia 27 de novembro de 2014, Boulos publica o artigo "*Sugestões para o Ministério de Dilma*". Sugere à presidente Dilma Rousseff, recém-eleita, um ministério com nomes como Reinaldo Azevedo. Em resposta a Boulos, Azevedo publica dois textos. O primeiro, na Folha de São Paulo, "*A galinha pintadinha de vermelho*"; o segundo, na revista Veja, "*Não! Boulos, o poodle subserviente, não é meu oposto simétrico. Eu não cometo crimes! Ou: Reinaldo no Ministério da Cultura*". Trata-se, portanto, de uma análise de discurso em que buscamos compreender os dispositivos de disputa de sentidos com que esses articulistas, como agentes políticos, se digladiam, especialmente pelo agenciamento de ideologias que constituem o tecido discursivo.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Ironia. Mídia. Subjetividade.

ABSTRACT

The use of ironies is certainly one of the possibilities of meaning production with which the disputes of significance in the processes of interlocution ensue. Our work focuses on this universe: two journalists from the newspaper Folha de São Paulo (Guilherme Boulos and Reinaldo Azevedo). On November 27, 2014, Boulos published the article "Suggestions for the Government of Dilma." He proposes to the newly elected President Dilma Rousseff a ministry with names such as Reinaldo Azevedo. In response to Boulos, Azevedo publishes two texts. The first, in Folha de São Paulo, "The red painted chicken"; the second, in Veja magazine, "No! Boulos, the subservient poodle, is not my symmetrical opposite. I do not commit crimes! Or: Reinaldo at the Ministry of Culture". It is, therefore, an analysis of discourse in which we seek to understand the mechanisms of dispute of meanings with which these columnists, as political agents, oppose each other, especially by the agency of ideologies that constitute the discursive fabric.

Keywords: Discourse. Ideology. Irony. Media. Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

[...] sob a influência de coisas sérias, ou a ironia o abandonará (se ela for algo ocasional), ou então ela ganhará força (se lhe pertencer como algo inato) e se converterá em uma ferramenta séria, assumindo seu lugar no encadeamento dos recursos com os quais o senhor terá de constituir sua arte.

Rainer Maria Rilke.

Cartas a um jovem poeta, 2009, pag. 30.

Pretendemos, nesse trabalho, analisar dois textos publicados no jornal Folha de São Paulo e um na revista Veja: o primeiro é assinado por Guilherme Boulos e o outro por Reinaldo Azevedo, ambos colunistas¹ do referido periódico. O texto da revista Veja é de autoria de Azevedo. No dia 27 de novembro de 2014, Boulos publica o artigo intitulado "*Sugestões para o Ministério de Dilma*" em forma de carta, um texto repleto de ironias, sugerindo à presidente Dilma Rousseff, recém-eleita para o segundo mandato, nomes como o do Deputado Federal Jair Bolsonaro, do Ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e o de Reinaldo Azevedo, que também é articulista do jornal Folha de São Paulo e da revista Veja, para compor a nova equipe do governo como ministros. As ironias são por conta da insatisfação de Boulos com os nomes já indicados pela presidente Dilma, como Kátia Abreu para a pasta da Agricultura e de Joaquim Levy, para a da Fazenda.

No dia 28 de novembro, Reinaldo Azevedo, a pretexto de responder ao artigo de Boulos, publica dois textos, um no próprio Jornal Folha de São Paulo, e o outro, mais agressivo, no blog que mantém na revista Veja. O primeiro tem como título "*A galinha pintadinha de vermelho*", e o segundo intitula-se "*Não! Boulos, o poodle subserviente, não é meu oposto simétrico. Eu não cometo crimes! Ou: Reinaldo no Ministério da Cultura*". Azevedo publica depois outros textos ainda com foco nessa polêmica de Boulos, mas, em nossa análise, nos deteremos apenas no primeiro, referido há pouco.

Trazemos para este estudo autores como Fairclough (2001), Ramalho e Resende (2011), Verón (2006) e Pinto (1999), além de outros que produzem nessa área. Mas também recorreremos a autores tais como Bakhtin (1995), Kierkegaard (1991) e Muecke (1995), com seus estudos acerca da ironia e do irônico. Entendemos que esse tipo de estudo contribui para

¹ Boulos é professor, psicanalista e membro da Coordenação Nacional do MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto. Azevedo é jornalista, blogueiro e escritor.

compreendermos os mecanismos de disputas de sentido com que agentes políticos se digladiam na arena midiática, especialmente, pelo agenciamento de ideologias que constituem o tecido discursivo.

Num primeiro momento, discutimos a questão da ironia, considerando os autores citados acima, depois, apresentamos a nossa perspectiva da Análise de Discurso e aspectos da questão da ideologia. Por fim, fazemos a análise dos dois artigos, buscando compreender os mecanismos de produção de sentido e as estratégias discursivas acionadas pelos referidos articulistas no embate político ideológico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ironia de que falamos

Muecke refere-se a dois tipos de ironia, a observável e a verbal ou instrumental.

Segundo esse autor,

Diante da ironia observável, tem-se uma situação ou uma cena que deve ser percebida pelo observador e julgada irônica, não existindo, assim, 'alguém sendo irônico'. Já na ironia verbal, há uma atitude irônica expressa por um sujeito, que faz uso de uma inversão semântica para transmitir sua mensagem. (MUECKE, 1995, 26)

Portanto, uma coisa é uma situação ou uma cena que possamos considerar irônica como, por exemplo, alguém que vive numa situação de penúria, numa seca terrível, à beira de um açude ou de uma lagoa imensa. Outra coisa é o processo de interlocução em que um dos interlocutores ironiza o outro como, por exemplo, quando alguém agradece a gentileza a uma pessoa que acabou de ser grosseira consigo. Nesse segundo caso, tal como nos subentendidos, a ironia carece que o ironizado recupere os sentidos produzidos para que os efeitos pretendidos se realizem.

Ducrot (1987, 19) distingue dois tipos de implícitos e mostra que é necessário “descrever um deles a partir do componente linguístico (o pressuposto), enquanto o outro (o subentendido) exige a intervenção do recurso retórico”. Dessa forma, a ironia é um tipo de implícito, uma espécie de subentendido, portanto, decorre também de um recurso retórico, não é como a pressuposição que está no uso da língua.

Não aprofundamos aqui a discussão acerca dos implícitos (pressupostos e subentendidos), mas, para deixar claro o que estamos querendo dizer, citamos novamente

Ducrot quando ele diz que “existe sempre para um enunciado com subentendidos, um ‘sentido literal’ do qual tais subentendidos estão excluídos” (Idem). A ironia também tem um significado literal e outro oculto. Um em desacordo com o outro (MUECKE, 1995,16). Por vezes, o ironizado pode, por diversas razões, simplesmente, se ater apenas ao sentido literal, não recuperar o sentido irônico pretendido pelo enunciador. Fairclough (2001, 158) critica a “utilidade limitada” dos que definem a ironia como “dizer uma coisa e significar outra”, dado a “natureza intertextual da ironia: o fato de que um enunciado irônico 'eco' o enunciado de um outro. Ou seja, no dizer irônico, há uma segunda voz que conflita com a primeira.

É, por conseguinte, da ironia verbal que vamos tratar aqui, embora reconheçamos que não deixa de ser irônico um “governo de esquerda”², (mas, ao menos, é isto que se espera de um governo do Partido dos Trabalhadores) nomear ministros, especialmente o da Fazenda, identificados com as forças político-ideológicas de direita. Quer dizer, há uma situação política irônica que pode ser destacada e analisada, o que Muecke chama de *ironia observável*.

A ironia verbal ou instrumental “ocorre quando há uma inversão semântica e, nesse caso, a ironia constitui em dizer uma coisa para significar outra, como uma forma de elogiar a fim de censurar e censurar a fim de elogiar [...]” (MUECKE, 1995, p.33). A esse respeito, Kierkegaard (1991, 216) diz que:

A forma mais corrente de ironia consiste em dizermos em tom sério o que, contudo, não é pensado seriamente. A outra forma, em que a gente brincando diz, em tom de brincadeira algo que se pensa a sério, ocorre raramente.

Ou seja, há, em alguns usos de ironia, certo tom de humor e, certamente, também, de malícia. A respeito disto, Bakhtin (1997, 167) fala que “na literatura carnavalizada dos séculos XVIII e XIX o riso, regra geral, é consideravelmente abafado, chegando à ironia, ao humor e a outras formas de riso reduzido”.

É, sem dúvida, interessante o que Kierkegaard (1991, 217) fala acerca do poder e do saber pretensiosos, tratando-os como irônicos:

Em relação a um saber totalmente pretensioso, que sabe tudo de tudo, é ironicamente correto entrar no jogo, ser arrastado por toda esta sabedoria, excitá-la com aplausos de júbilo para que esta se eleve cada vez mais, numa loucura cada vez mais alta, desde que aí se permaneça consciente de que tudo aquilo é vazio e sem conteúdo.

² A parte a complexa discussão acerca desses dois conceitos políticos (direita e esquerda), não temos como aprofundar neste artigo esse debate. Esclarecemos que pensamos em Bobbio (1995) que trata dessa distinção considerando que a esquerda busca promover a justiça social enquanto a direita defende a liberdade individual. De outro modo, a esquerda pretende estabelecer um Estado de bem estar social, baseado na igualdade, enquanto a direita propõe um Estado liberal, em que se impõem a livre iniciativa e as regras do mercado.

Boulos entra no jogo do poder e do saber a ponto de acreditar que possui o direito de comentar as escolhas já feitas e indicar novos ministros à Presidente eleita, embora ironicamente, porque esse é o modo de jogar que ele encontra. Isto dá indício que Boulos tem uma prerrogativa e, portanto, ele seja um aliado, que circula no meio do poder palaciano, o que dá a ele a liberdade de escrever uma carta dirigida à Presidente da República.

2.2 A análise de discurso como a entendemos

Por existirem várias vertentes da Análise de Discurso, precisamos deixar claro onde nos situamos. Autores como Fairclough, van Leeuwen, van Dijk, Resende, Ramalho, Magalhães, entre outros, aos quais recorreremos repetidamente, são identificados com a chamada Análise de Discurso Crítica (ADC). Mas, além destes, recorreremos também a outros autores que não se filiam a essa vertente, como Maingueneau, Verón, Charaudeau etc. Autores que são muitas vezes intérpretes precisos daquilo que desejamos falar no trabalho rigoroso na análise do nosso objeto. Não devemos, portanto, prescindir de tais autores. Portanto, nesse trabalho, adotamos a Análise de Discurso, crítica, certamente, mas sem vínculo necessário com a ADC referida acima.

Entendemos, também, como diz RAMALHO E RESENDE (2011, 12) que a AD se constitui de uma “abordagem científica interdisciplinar para o estudo crítico da linguagem como prática social”. Entendendo prática social como atividade cotidiana dos sujeitos em sociedade que resulta tanto da determinação histórica e cultural das estruturas sociais, quanto dos acordos e conflitos que demandam das ações individuais na vida diária. Poderíamos falar, certamente, do que é constitutivo e do que é constituinte nas diversas situações de uso da linguagem. “Nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irredutível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” Ramalho e Resende (2011, 15). Ou seja, pelos discursos, representamos o mundo, nos relacionamos uns com os outros e nos identificamos e identificamos os outros.

Assim, também, definiríamos discurso nesses dois níveis. Para nós, discurso é tanto a prática social relativa à compreensão das redes de relações ou, de outro modo, campos sociais (BOURDIEU, 2004) como uma unidade discursiva, por exemplo, o discurso jornalístico; quanto a prática subjetiva que é também de natureza social, mas que resulta da ação individual de um sujeito determinado. Os discursos não apenas representam como atuam modificando a sociedade. São dialéticos, constituem e são constituídos socialmente.

Devemos considerar ainda que a Análise de Discurso é, em essência, transdisciplinar, ou seja, resulta do entrecruzamento do diálogo com outras disciplinas, dentre elas, a linguística, a antropologia, a sociologia, a filosofia, a história etc. Sobre a perspectiva da ADC, Fairclough (2003, p.180) diz que a ADC

Tem uma relação dialógica com outras teorias e métodos sociais, com eles engajando-se não apenas de maneira interdisciplinar, mas transdisciplinar, entendendo que coengajamentos particulares sobre determinados aspectos do processo social devem suscitar avanços teóricos e metodológicos que perpassem as fronteiras das várias teorias e métodos.

Do ponto de vista da formulação metodológica, procuramos seguir a trilha iluminada por Fairclough (2003), quando ele esboça um roteiro para a pesquisa social, no qual declara certa reserva acerca do conceito de método e que considera a ADC mais um aporte teórico que metodológico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 As ideologias nossas de cada dia

Acerca de ideologia, tomamos as concepções de Thompson (1995), Fairclough (1996) e Eagleton (1997). Entendemos que os embates travados nos textos em análise são de natureza ideológica. O que está em jogo é a concepção de política defendida por cada um dos interlocutores, a partir do grupo social a que se vinculam. Mais do que isto, a visão de mundo preconcebido pelo modelo do sistema de trocas e conformação econômica.

A dispersão de sentidos a que nos referimos ao falar inicialmente sobre Análise de Discurso é ainda maior quando tratamos de ideologia. A este respeito, Eagleton diz que “o termo “ideologia” é apenas uma maneira conveniente de classificar em uma única categoria uma porção de coisas diferentes que fazemos com signos.” Ou como lembra Fairclough (2001, 120), “não se deve pressupor que as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática”. O que queremos é, então, delimitar o trabalho da ideologia na produção de sentidos.

Thompson (1995, pag. 76) faz uma reflexão acerca de ideologia das mais importantes. Nessa reflexão, ele pretende combater a neutralização do conceito de ideologia, e, também, formular uma concepção crítica com vistas a oferecer uma base para o enfoque útil e defensável para a análise da ideologia. Thompson entende que “estudar ideologia é estudar as maneiras

como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Esse autor tem, portanto, uma concepção negativa de ideologia, entendendo que a ideologia é um instrumento de luta ideológica para a conquista e manutenção do poder.

Thompson distingue cinco modos gerais pelos quais a ideologia opera: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Estes modos de operação da ideologia têm desdobramentos que os tornam mais complexos. Neste trabalho, vamos nos ater diretamente a apenas um deles que, entendemos, tem a ver com os discursos que vamos analisar. Dizemos diretamente por que está claro que esses modos todos estão interrelacionados e que a prática de um deles puxa os outros. Falamos, por exemplo, de fragmentação que se constitui, segundo Thompson, de diferenciação e expurgo do outro. Fragmentar pode tanto significar classificar, catalogar, separar as pessoas por grupos, tribos etc., mas nosso foco aqui é o uso da ironia como uma arena de disputas ideológicas. E a ironia recorre a metáforas, a eufemismos e também a metonímias. Todas elas figuras de linguagem características de dissimulação, de reificação e legitimação.

No entanto, os artigos aqui em análise são exemplos evidentes de diferenciação e de expurgo do outro. Tanto Boulos quanto Azevedo fazem questão de marcar suas diferenças ideológicas, de caracterizar o outro como expurgado do seu universo de convivência, da sua comunidade, como veremos na análise.

A ideologia, no seu trabalho de produzir e reproduzir o tecido social, o faz de modo amplo, inclusive, reproduz as suas lutas, os seus preconceitos, as suas virtudes e os seus defeitos. E o faz pelas práticas culturais e, especialmente, pelas práticas de linguagem nas disputas por hegemonia. Ou seja, as ideologias funcionam como “um modo de dominação que se baseia em alianças, na incorporação de grupos subordinados e na geração de consentimento” (FAIRCLOUGH 2001, 28) pelo trabalho enunciativo de produzir consenso.

Por um lado, tem-se um dos coordenadores do MTST que reivindica para si o lugar de direito para cobrar da Presidente eleita “coerência” na nomeação dos ministros. Por outro, um jornalista afinado com as forças de oposição à Presidente. Ambos se localizam em lugares de exercício de poder político, embora os dois escrevam para o mesmo jornal, o que esgarça o tecido midiático com posições ideológicas divergentes e em confronto.

Uma das formas de consumo ideológico é a naturalização ou mesmo o determinismo religioso. No primeiro modo, deixamos de perceber os interesses e os objetivos das estratégias ideológicas embutidas nas práticas sociais. No segundo modo, embora possamos perceber, retiramos qualquer gravidade ou possibilidade de contraposição porque consideramos que são desígnios de Deus.

As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de 'senso comum'; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. (FAICLOUGH, 2001, 119)

A esse respeito, diz BARTHES (1957 *apud* Eagleton, 1997, p. 176), em *Mitologia*:

O significante 'insano' — mitológico ou ideológico — é aquele que astuciosamente apaga sua radical ausência de motivação, suprime o trabalho semiótico que o produziu e, assim, permite que o recebamos como “natural” ou “transparente”, contemplando através de sua superfície inocente o conceito ou significado, ao qual nos permite o acesso magicamente.

Esses artifícios tentam apagar o posicionamento ideológico dos sujeitos, no entanto, como nos lembra Fairclough (2001, p.121): “os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras”.

Esse autor acredita que os seres humanos são capazes de transcender as sociedades baseadas na luta por hegemonia e, portanto, as relações de dominação. Quanto a isso, mesmo simpáticos à proposição de que as mudanças na consciência expressas nos usos da linguagem possam contribuir para a mudança social, não cremos nessa superação, nessa transcendência. Acreditar nisso seria acreditar no fim das ideologias, o que não é o caso.

3.2 O discurso irônico de boulos

Com pretexto de fazer sugestões para o ministério da Presidente Dilma, Boulos publica seu texto simulando uma carta¹. Este fato, reforçado pela maneira direta com que se dirige à Presidente da República, produz um efeito de sentido de proximidade. Embora o texto seja recoberto de ironias, esse efeito transparece, como que revelando descontentamento pelo apoio político e a contrariedade provocada pela escolha de nomes que o desagradam para o novo ministério.

1 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/guilhermeboulos/2014/11/1553912-sugestoes-para-o-ministerio-de-dilma.shtml> acessado em 17 de fevereiro de 2015.

Esta contrariedade é manifestada em nome do seguimento social que Boulos representa, os movimentos sociais organizados. Por isso mesmo, o articulista inicia seu artigo desse modo:

Cara Presidenta,

Nós dos movimentos sociais nos sentimos amplamente contemplados com os primeiros nomes para seu ministério. Governo novo, ideias novas. Os gestos não poderiam ter sido melhores. Joaquim Levy na Fazenda foi uma sacada de gênio, com grande sensibilidade social. Pena que o Trabuco não quis, mas confio que seu subordinado no Bradesco dará conta do recado. A Marina queria indicar gente do Itaú. O Aécio tinha obsessão pelo Dr. Armínio. Mas esses, como a senhora disse na campanha, tomariam medidas impopulares. A solução certamente está com o Bradesco. Itaú de fato não pode, mas Bradesco... vá lá! (Grifos nossos). (Folha de São Paulo, 27/11/2014 - 03h00)

Ao identificar de onde fala (nós dos movimentos sociais), o articulista deixa claro que não está sozinho. Ele usa o recurso anafórico e recupera a origem do enunciador. Ao mesmo tempo, diz que não está desamparado e nem simplesmente em nome de si, mas dos movimentos sociais, uma vez que Boulos é Coordenador do MTST.

Antes de nos referirmos às nomeações, destacamos ainda a expressão “governo novo, ideias novas”, um dos bordões da campanha de Dilma Rousseff. Novamente, o uso do recurso anafórico como construto irônico. Na verdade, ao falar do governo novo, Boulos quer concluir que os primeiros nomes indicados para o ministério não trazem nada de novo. Em seguida, ironiza a escolha de Joaquim Levy para o ministério da Fazenda com a expressão “uma sacada de gênio, com grande sensibilidade social”. Lembra também que Levy vem do Bradesco e que Trabuco, o atual presidente daquele Banco, teria recusado o convite para o ministério, mantendo-se no órgão.

Ainda na mesma linha, o autor indica que Kátia Abreu no Ministério da Agricultura contraria os interesses indígenas e dos sem-terra, grupos sociais com quem a Ministra mantém sérios conflitos, pelas posições divergentes aos interesses desses grupos que ela adota no Senado.

Kátia Abreu na Agricultura achei um pouco ousado demais. Cuidado pra não ser chamada de bolivariana! Os índios e os sem-terra estão em festa pelo país. (Grifos Nossos).

Armando Monteiro no Desenvolvimento deixa seus detratores sem argumentos, muito bem! Dizem que a senhora não dialoga com a sociedade civil. Ora, como não? A Confederação Nacional da Agricultura em um ministério e a Confederação Nacional da Indústria em outro. Aí está a gema da sociedade civil, as entidades patronais. (Grifos Nossos). (Folha de São Paulo, 27/11/2014 - 03h00)

No governo, Kátia Abreu representa a Confederação Nacional da Agricultura e Amando Monteiro, Ministro do Desenvolvimento, a Confederação Nacional da Indústria. Representantes, portanto, da classe patronal. Boulos reivindica, de certo modo, que os movimentos sociais constituem a sociedade civil e que, ao preferir os representantes da classe patronal, a presidente confirma as críticas de que ela não dialoga com a sociedade civil.

No momento seguinte, Boulos passa a indicar outros nomes para o novo ministério da Presidente Dilma, seguindo, ironicamente, a mesma linha dos já indicados. Aí, vemos claramente a natureza intertextual a que se refere Fairclough (2001). Ao negar a validade de tais nomes pelo uso da ironia, Boulos procura se diferenciar desse grupo e, desta maneira, expurgar seus membros.

A pasta das Cidades o nome é o *Kassab*. Homem experiente, foi prefeito de São Paulo e *terá a oportunidade de aplicar nacionalmente o que fez por aqui. Imagine incêndios em favelas no Brasil todo!* [...] Grifo nosso.

Nos direitos humanos não há muito o que discutir. É *Bolsonaro* na certa. *Um homem que pauta com coragem grandes temas tabus como a tortura, o direito ao aborto, a maioria penal e o papel dos militares na sociedade.* [...]

Nas Comunicações sugiro o *Fabio Barbosa*, da "Veja". *Já mostrou ser um tipo criativo. Sua capacidade de criar fatos e transformá-los em manchetes está mais do que demonstrada.* [...] Afinal, a senhora poderá argumentar que a alternância no poder é necessária. A "Globo" já teve três ministros, *agora é a vez da "Veja"*.

Para a Cultura eu tenho dúvidas. A *Marta* saiu com aquela cartinha maleducada, querendo fazer média com o mercado. *Convenhamos, a senhora foi muito mais esperta. Ao invés de fazer média com o mercado, trouxe ele para dentro do governo. Deixou a Marta falando sozinha.* [...] Pensei primeiro no *Lobão*, porque ele pararia com essa história de impeachment e ainda *traria o apoio da turminha dos Jardins.* [...]

Talvez então o *Reinaldo*, homem culto e com ampla visão. *Reinaldo Azevedo*, sabe? Ele vive falando mal da senhora, mas acho que *no fundo é tudo ressentimento*. Uma ligação e *ele se abre que nem uma flor*. Vai por mim, até um *rottweiler* precisa de carinho. [...]

Há quem possa achar minhas sugestões muito conservadoras. Mas estou preocupado com a governabilidade. Governabilidade é tudo, presidenta! (Grifos nossos). (Folha de São Paulo, 27/11/2014 – 03h00).

Ao final, Boulos diz:

Se seguir minhas sugestões ao menos não poderão acusá-la de incoerente. Quem já convidou Levy, Kátia e Armando pode, pela mesma lógica irrefutável, convidar Bolsonaro, Fábio Barbosa e Reinaldo. Quanto ao Kassab, admito que a senhora teve a ideia antes e já anda sondando com ele. (Folha de São Paulo, 27/11/2014 - 03h00)

Percebamos que nesse desfiar de sugestões há, de fato, uma coerência, visto que todas se alinham ideologicamente. No entanto, como tais propostas são só ironias, o que Boulos enuncia é antitético. As qualidades que diz reconhecer em cada um são, na verdade,

desqualificações ou contrariedades políticas. Ao ex-prefeito Kassab atribui responsabilidade pelos incêndios nas favelas; ao Bolsonaro, dentre outras coisas, cita resistência que ele tem à política de direitos humanos e a defesa que faz do regime militar; ao Fábio Barbosa, então editor da revista *Veja*, lembra as matérias “criativas” contra a candidatura Dilma Rousseff; à Marta, destaca as rugas entre ela e Dilma a que culminaram com a saída da senadora do PT; ao Lobão, lembra a campanha pelo impeachment da Presidente recém-eleita e vínculos dele com a elite paulista (a turminha dos jardins); ao Reinaldo Azevedo, fala das insistentes críticas a Dilma e ao Governo, como blogueiro da *Veja* e colunista da *Folha de São Paulo*. Cada um desses detalhes, na verdade, deveria funcionar como impedimento para que Dilma convidasse qualquer uma dessas pessoas para compor o seu governo.

3.3 A resposta de reinaldo azevedo

Em seu artigo publicado na *Folha*, Azevedo começa o texto dissimulando a sua motivação de resposta, embora isto esteja claro no título do artigo: *A galinha pintadinha de Vermelho*. Logo no início ele critica a visita feita à Presidente Dilma por Frei Beto e Leonardo Boff, que Azevedo chama de “Representantes da Escatologia da Libertação”. Usa como motivo o fato de que os dois teriam assinado um manifesto contrário à indicação de Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda. Em um parágrafo, Azevedo tenta desmerecer Leonardo Boff e Frei Beto de modo grosseiro, o que não será detalhado neste estudo.

Deteremo-nos um pouco mais em três momentos dos discursos textos de Reinaldo Azevedo publicados na *Folha de São Paulo*², no Blog da *Veja*³. O primeiro, uma passagem do texto de Boulos no Blog da revista, que tocou Azevedo, quando o escritor diz que “uma ligação e ele se abre que nem uma flor.” Essa história de abrir-se como uma flor deixou Azevedo irritado, porque, segundo ele, isso indicaria que Boulos o estaria chamando de “veadinho”. E com certa ironia ele reage:

Não sei se notam a sugestão, nada sutil, de que sou um veadinho, “que se abre que nem uma flor”. Chamar um adversário ou desafeto de bicha, ainda que de modo oblíquo, continua a ser uma ofensa. Sabem como é... Boulos certamente não é um “homofóbico”, a não ser que ele combata “direitistas” como eu. Ele poderia tentar me ganhar, sem o apoio de seus batepaus e incendiários, para sentir o perfume, hehe. (Revista *Veja* Online – Blog Reinaldo Azevedo - 28/11/2014 às 5:41)

2 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/197587-a-galinha-pintadinha-de-vermelho.shtml>. Acessado em 17 de fevereiro de 2015.

3 Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/nao-boulos-nao-e-meu-oposto-simetrico-eu-nao-cometo-crimes-ou-reinaldo-no-ministerio-da-cultura/> Acessado em 17 de fevereiro de 2015.

O segundo momento destacado é quando Azevedo assume a defesa de Levy e Kátia Abreu, produzindo um efeito de sentido de proximidade, proteção e reconhecimento de vinculação ideológica em relação a Levy e Kátia, mas, também, de diferenciação e expurgo de Boulos e seus aliados. Em resposta às críticas feitas ao Ministro, diz Azevedo: “Confesso que o rottweiler que morde canelas se vê tentado a dizer: '*Não vá, não, Levy! Fique onde está, Kátia! Eles que se virem!*'". A palavra rottweiler é uma referência ao livro de sua autoria (*Objecções de um Rottweiler Amoroso*, publicado pelo selo Três Estrelas), referido por Boulos em seu texto. Mas é também uma auto-referência produzida por um recurso anafórico.

Ainda no texto do Blog da Veja, Azevedo diz que recusaria o convite, caso fosse chamado para assumir o ministério da Cultura. “Boulos, fique tranquilo. Não vou para o ministério. Se convidado, não aceitaria”. Ora, essa observação é ambivalente. Por um lado, dá a entender que Azevedo acredita literalmente no que diz Boulos sobre Dilma convidá-lo para o ministério da Cultura, e isto revela certa ingenuidade, porque ignora o sentido irônico; por outro lado, pode significar que Azevedo está também ironizando. Quer dizer, ao negar que aceita o convite, Azevedo reconhece em si a competência para exercer a função de ministro, desmontando o efeito irônico produzido contra si.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que uma das dificuldades da problematização sobre as ideologias e das disputas ideológicas é exatamente porque, de modo geral, deixa de levar em conta as particularidades dos embates que se travam como polêmica no espaço político da mídia. Percebemos claramente que cada um dos articulistas esgarça o tecido midiático a partir das suas identificações ideológicas, os vínculos que estabelecem à direita ou à esquerda, confrontando-se no território discursivo.

Ambos usam as suas competências verborrágicas para atingir objetivos de ataque e defesa. Boulos é mais habilidoso no uso das ironias. Azevedo no uso da linguagem ferina, agressiva e rude. Porém, tais estratégias de atacar e defender lançando palavras e argumentos não têm como objetivo apenas atingir o outro, mas, especialmente, se credenciar como agente político e defender suas trincheiras, o lugar que imaginam demarcar social e politicamente.

Tomando a ironia como uma intertextualidade, percebemos que Boulos diz acerca da formação do novo ministério da presidente Dilma o que Azevedo diria, porque, afinal de contas, a presidente escolhe para ministros pessoas que se afinam ideologicamente com Azevedo, mas

esse articulista fala desse modo para descredenciar tais escolhas. Assim, ele inclui no seu discurso o discurso de Azevedo, mas esses discursos negam um ao outro, por isso, entram em atrito.

A ironia, no entanto, amortece o furor das críticas de Boulos na medida em que oferece o sentido literal, deixando o efeito de sentido do dito como estratégia retórica e que nem todo mundo recupera. O próprio Reinaldo Azevedo, em alguns momentos do texto, deixa dúvida sobre qual sentido está respondendo.

Neste aspecto, entendemos que a ironia funciona como um *deslocamento*, como caracterização de recurso discursivo ideológico. Apesar dessa condição ambivalente do dizer irônico, não cremos, nesse caso específico, que haja o desejo de dissimulação, mas de deslocamento de sentido como modo de operação ideológica na arena simbólica, entre os dois articulistas.

Ao mesmo tempo, podemos também pensar que há o desejo de estabelecer diferenças e, por via de consequência, o expurgo do outro, que são estratégias discursivas ideológicas. Tanto Boulos quanto Azevedo constroem uma argumentação que reforça a positividade de si e uma negatividade do outro. Quer seja incluindo-se como parte dos militantes dos movimentos sociais e apontando o outro como um escriba de picuinhas, no caso de Boulos, quer seja constituindo-se como escritor de sucesso e identificando o interlocutor como um ocioso oportunista, no caso de Azevedo.

REFERÊNCIAS

ALAVARCE, C. S. **A ironia e suas refrações** - Um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208p.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 275p.

BOBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. trad. marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.131p.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução Denice Barbaro Cotani - São Paulo: Editoro UNESP. 2004. 87p.

DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987. 222p.

EAGLETON, T. **Ideologia** – Uma Introdução. Trad. Luis Carlos Borges Silvana Ribeiro. São Paulo: Editora Boitempo, 1997. 200p.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001. 316 p.

MAGALHÃES, L. **Veja, isto é, leia:** Produção e disputas de sentido na mídia. Teresina: Edufpi, 2003. 158p.

MUECKE, D. C. **Ironia e o Irônico.** Coleção Debates. Linha Crítica. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, SP: Perspectiva, 1995. 134p.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia** – Constantemente referido a Sócrates. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. Obras Completas Vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 283p.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna:** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 427p.

RAMALHO, V; RESENDE, V. **Análise de Discurso (Para a) Crítica:** O texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. 194p.

RESENDE, V; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto, 2006. 158p.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: UNISINOS, 2005. 286p.

_____. **A produção do sentido.** São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980. 238p.

ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. 337p.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

MAGALHÃES, F. L. J. A Ironia e o Irônico nos Discursos Midiáticos e Políticos. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 6, art. 4, p. 74-88, jun. 2020.

Contribuição dos Autores	F. L. J. Magalhães
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X